

Porto de Santana exige aquaviário

Texto de Cláudia Feliz
e Rita Tristão
Fotos de Ailton Lopes

“Queremos de volta do sistema aquaviário”. Esta foi, sem dúvida, a grita geral dos moradores de Porto de Santana, visitados, ontem, pelo projeto “Gazeta nos Bairros”. Cansados de andar a pé até Vitória — um longo e cansativo percurso — eles voltaram a solicitar ao governador Gerson Camata, uma audiência para formalizar o pedido, fato ocorrido no final do mês passado. Além de solicitar melhor aten-

dimento no transporte coletivo — há poucos ônibus e o atraso dos mesmos é constante — a comunidade reivindica melhorias no abastecimento d'água, no atendimento de saúde, na segurança pública e na infra-estrutura urbana. A população quer ver efetivadas as obras previstas no projeto Cidades de Porte Médio, do governo federal, idealizado desde 1977. A expectativa em torno desse fato é grande, embora os moradores apresentem um certo ceticismo em torno das promessas da Prefeitura de Cariacica de que as obras sejam iniciadas dentro de 60 dias.

Ausência das lanchas gera prejuízos à comunidade

A reativação do sistema de transporte aquaviário é, sem dúvida, a grande reivindicação dos moradores de Porto de Santana, que se julgam injustiçados pelo governo com a retirada de circulação das lanchas do local — fato verificado no primeiro semestre do ano passado. No dia 21 de fevereiro, mais uma vez, a comunidade solicitou uma audiência com o governador Gerson Camata para pedir o retorno do serviço, mas até ontem, não havia recebido qualquer resposta sobre o assunto.

Porto de Santana reúne uma população bastante carente, que hoje, quase em sua totalidade, pode ser vista caminhando a pé pela estrada da CVRD que dá acesso à ponte Florentino Avidos — ligação entre Vila Velha e Vitória. Caminhar até uma hora diária a pé já se tornou rotina para muitos de seus moradores, impossibilitados de pagar Cr\$ 500 por uma passagem de ônibus.

EM PÉ

Os ônibus, aliás, também não são esquecidos do rol de reclamações feitas pela comunidade em torno do transporte na região. Só dois carros servem ao bairro na linha Porto de Santana / Vitória, passando pelo local, porém, outros das linhas Flexal e Porto Novo, totalizando oito coletivos. Mas a comunidade está apreensiva: ela foi informada, de forma não-oficial, que a Viação Planeta pretende retirar três carros, diminuindo para cinco o número daqueles que circulam no bairro.

Em Porto de Santana, garantem os moradores, chega-se a esperar pelos ônibus até uma hora. Quando o veículo surge, está tão lotado que a viagem só pode ser feita em pé. E isso, segundo eles, já virou rotina no local. Por isso, é tão importante para a comunidade a reativação do sistema aquaviário. “Já mantivemos vários contatos com órgãos do governo, estivemos com o próprio governador e também na Assembléia Legislativa. Em outubro, Gerson Camata nos disse que o retorno dependeria das prefeituras. Então fomos ao prefeito Vicente Fantini e ele

Olívia chega atrasada ao serviço

afirmou que, o que dependesse da Prefeitura de Cariacica seria feito. Até agora, nada conseguimos”, afirmou o presidente da Associação de Moradores, Maurílio Romão.

A entidade alega que 80% da população — incluindo os moradores do bairro de Flexal — eram beneficiados com o sistema aquaviário que registrava o atendimento, por dia, de 4 mil pessoas. A moradora Olívia Santos, por sua vez, lamentava o fato de chegar constantemente atrasada à Secretaria da Educação, da qual é funcionária, tendo em vista o atraso dos ônibus e a lamentada ausência das lanchas em operação. “Tenho um filho excepcional, que preciso levar a Apae durante toda a semana. Ganho salário mínimo e pago, por dia, oito passagens. Imagine estão como é que eu vivo, porque, sozinha, tenho que alimentar a nós dois”, disse a mulher.



A comunidade de Porto de Santana apresentou um alto grau de mobilização

População se une, debate e participa das lutas

Porto de Santana é um dos maiores bairros da Grande Vitória e também um dos mais carentes. Sua população é formada por quase 55 mil habitantes, hoje constituída de uma maioria desempregada e a outra que sobrevive do sub-emprego. Tratam-se de moradores sofridos e marcados pelas muitas dificuldades que o bairro vive há mais de 25 anos, quando ocorreu a primeira invasão. E foram as lutas e as dificuldades que serviram para unir a população na busca das soluções para os seus problemas.

A participação das mulheres na luta pelas soluções dos problemas do bairro começou há dez anos, quando foi fundada a Associação das Donas-de-Casa. Juntas, elas unem os esforços e se ajudam mutuamente e vão para as ruas brigar por melhores condições de vida. As donas-de-casa, quase 600 associadas, se encontram semanalmente no Centro de Orientação Social (COS) e nesse local são ministrados cursos de economia doméstica, de saúde, trabalhos manuais e onde elas aprendem o que é participar da vida da comunidade. “O objetivo da nossa associação é despertar as mulheres para os problemas do nosso bairro”, comentou uma das donas-de-casa, Geni Maria da Conceição.

Assim que a equipe de reportagem do projeto “Gazeta nos Bairros” chegou ao local, lá estavam elas com cartazes onde se lia: “Sr. Governador acreditamos nas vossas promessas. E as Lanchas?” ou “O sonho não acabou”, e ainda “Pavimentação, áreas de lazer. Há muito tempo que esperamos”. Outras fizeram abaixo-assinado junto com a comunidade reivindicando melhorias urbanas para Porto de Santana. Uma das líderes, Odila Barros Cardoso, que foi também uma das primeiras moradoras do bairro e mora em frente à pracinha, confirma que foi para lá na primeira invasão.

Além das reivindicações de melhorias urbanas, as mulheres, a população de um modo

geral, pedia emprego. “Somos um povo esquecido. SOS para nós” dizia outro cartaz. As vezes a gente pensa que já perdeu a esperança. Já nos fizeram tantas promessas. Mas que nada, nos vós vamos em frente. Não vamos desistir nunca até chegar o dia da vitória. Vamos continuar lutando”, disse Faustina Barbosa da Cruz.

Depois de apresentarem suas denúncias e reivindicações, surgiu uma nova dificuldade para os moradores: “Amanhã, como vamos ler o jornal? Não temos dinheiro para comprar a ‘Gazeta’”, diziam elas.



Odila é uma das líderes no bairro



Ausência de esgotos causa reclamações

São muitas as ruas desprovidas de rede de esgoto e, em relação a esse fato, a reclamação é geral. Só a avenida principal dispõe da rede que, por apresentar dimensão reduzida, tem frequentemente, problemas de entupimento. A comunidade sabe que o serviço está incluído no projeto Cidades de Porte Médio, previsto para Porto de Santana, mas, cética, prefere não mais se iludir com os prazos de início das obras anunciados pelos órgãos competentes.

Desde 1977, quando o projeto foi idealizado, os moradores aguardam pelas obras — que incluem ainda rede de iluminação pública, construção de praças esportivas, escola e outros — e, agora, a Prefeitura de Cariacica garante que elas serão iniciadas dentro de 60 dias. Desconfiados — e cansados de ver passar os anos sem a efetivação dos serviços — os moradores querem soluções urgentes para a questão da ausência de infra-estrutura sanitária.

A falta d'água constante em vários pontos do bairro, também é lembrada pelos moradores. O presidente da Associação de Moradores, Maurílio Romão, garantiu que, no Morro do Meio, por exemplo, o líquido chega a deixar de cair nos reservatórios domésticos até três dias numa

mesma semana. Maria José Pereira, por sua vez, denunciou que a igreja católica do Morro da Aparecida, por exemplo, não recebe água há quase um ano. Os talões de cobrança, porém, garantem Maria e Maurílio, chegam a todas as residências, com regularidade. Generina Rodrigues foi outra a apontar o problema, garantindo que na rua São João a água falta frequentemente.

Os valões por sua vez, fazem parte, da composição da imagem que se tem de quase todo o bairro. O da rua Santo Antônio, por exemplo, deixa indignada a moradora Maria José Pereira. “Isso é um absurdo e ninguém toma providências. Adultos e crianças caem na vala e, no final, a gente fica doente e ninguém nos olha”, criticou.

Mais adiante, na rua 15 de novembro, Sandra Linhares era outra a reclamar do mesmo problema. Um valão passa nas imediações de sua casa e, no período de chuva, transborda invadindo aproximadamente 20 residências. “Ratos, baratas e vermes invadem as nossas casas e ninguém se lembra que a gente existe”, frisou. Os moradores ressaltaram que, praticamente, todas as residências do bairro possuem fossas já incapazes de absorver os dejetos. Muitos, porém, não as possuem e lançam nas ruas o esgoto domiciliar.

Há apenas um posto de saúde funcionando

Apenas um posto de saúde, e até agora nada foi feito.

Poeira e lama só provocam

transtornos para todos

Devido a ausência total de calçamento, as ruas de Porto de Santana, nos dias de chuva, transformam-se em grandes lamaçais, e, quando o sol aparece, a poeira surge com força total. Ao lado destes problemas, o perigo de cair é constante, em função dos enormes buracos existentes em vários locais, tornando algumas ruas intransitáveis, como é o caso da Floriano Peixoto Vitória.

Os moradores das ruas São João, Floriano Peixoto, Principal, Sossego, Manuel Martins, Bolívia, São Paulo, Guadalajara, Nova América, Princesa Isabel, Gabino Rios, Beco Nelson Brandão, Martins e Bom Pastor estão reivindicando o calçamento. Segundo eles, nos dias de chuva, esses lugares se tornam intransitáveis. Na rua principal, em um determinado trecho a pista está cedendo e toda vez que chove a água leva mais terra, tornando o lugar muito perigoso para o tráfego de veículos.

Na rua Manuel Martins e adjacências, os moradores sofrem mais com os problemas de alagamentos, pois está localizada na parte mais

baixa do bairro, onde a água fica acumulada. Maria Barbosa do Nascimento contou que outro problema vivido pelos moradores deste lugar é o represamento da água pelo lixo, que nunca é recolhido e é lançado nas valas as quais servem de escoamento para a água da chuva, e acabam entupidas.

A noite, é hábito dos moradores do lugar sair de casa para participar dos cultos nas igrejas, só que este costume está se tornando quase impraticável, pois falta iluminação pública em vários locais. "Nós temos medo de sair de casa, pois a insegurança é muito grande. Em algumas ruas, os postes já foram colocados, faltam só as lâmpadas", disseram eles.

A população localizada na parte alta do bairro é que mais sofre com o problema da falta de infra-estrutura. Os moradores sofrem todo tipo de dificuldade para sair de casa e nos dias de chuva a situação é ainda pior. Uma outra senhora mostrou uma cicatriz na perna, consequência de uma queda que levou num desses locais e acabou fraturando o osso.

Limpeza pública também está fazendo muita falta

Coleta de lixo não há. Senão, como explicar que, desde o Natal passado, o final da rua Guadalajara tenha se transformado num pequeno "lixão", contribuindo para a proliferação de insetos na região? As moradoras Cândida Ril Robels e Marlene Dias de Almeida, que residem ao lado do depósito improvisado, reclamam que há dias em que nem mesmo se alimentar elas estão conseguindo, tamanho é o mau cheiro exalado do local, onde até animais mortos são jogados. Porto de Santana também não dispõe de serviço de limpeza pública e seus moradores exigem da prefeitura uma providência para o problema.



Lixo é o que está sobrando nas ruas

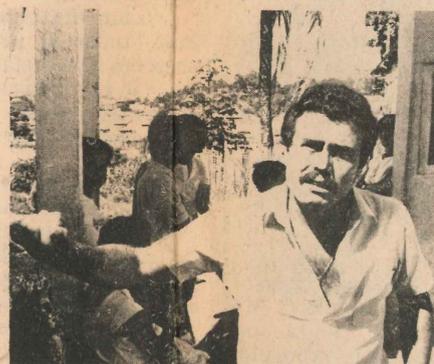
Prédio da delegacia é espelho da insegurança

A própria delegacia pode ser considerada espelho da insegurança da população. Para se ter uma idéia, seu efetivo é constituído de nove policiais militares e dois civis, responsáveis pelo atendimento de 13 bairros. O prédio, em precárias condições físicas, está instalado dentro dos limites de Porto de Santana, mas a área de atuação do órgão é grande, segundo o delegado, Jair de Oliveira Garcia tendo em vista o fechamento das subdelegacias por parte do governo estadual.

O delegado é uma das diversas pessoas a criticar a falta de infra-estrutura necessária ao oferecimento de um bom serviço de segurança aos moradores da região. Os dois cubículos da delegacia, segundo ele, representam uma verdadeira agressão aos presos, uma vez que não são dotados de rede de água e, por isso mesmo, exalam muito mau cheiro. Também não há viatura policial à disposição e ele afirma que, na grande maioria das vezes, o policiamento é feito a pé.

VIOLENCIA

Mas a comunidade reclama da violência policial — negada pelo delegado, pelo menos nos



Jair reclama até dos dois cubículos

limites da delegacia. Há queixas contra "batidas" constantes realizadas no bairro entre os seus moradores, a maioria desempregada. Sandra Linhares Falcão, por exemplo, não se esquece da noite em que seu marido quase foi levado pelos policiais da Planapol porque, sem camisa, a esperava num ponto de ônibus.

Os comerciantes e alguns moradores, insatisfeitos com a não proteção da polícia, chegaram a contratar segurança particular, mas o serviço teve que ser cancelado, há aproximadamente um mês, devido ao seu alto custo. O delegado, por sua vez, não se lembra de "Quincas", um rapaz que, segundo a comunidade, reagiu, a uma das batidas porque os policiais não estavam fardados. Por isso, "Quincas" teria sido espancado na delegacia e, em decorrência do fato, está hoje internado no hospital Adauto Botelho.

"Com tão poucos policiais, nós não temos condições de abordar todo mundo nas ruas, conforme comentam", argumenta Jair Oliveira Garcia. Ele, porém, admite que, nos últimos 15 dias, esse tipo de ação tem sido mais frequente. E que o delegado alega que um dos 14 presidiários fugitivos da Casa de Detenção — a fuga ocorreu no último final de semana e cinco fugitivos foram mortos pela polícia — de nome Jorge Cafubira, "está querendo transformar o Morro do Meio, em Porto de Santana, num novo São Benetido."

O delegado assegura que Cafubira está aliciando menores e buscando, no local, a proteção que o agora presidiário Edmilson Cândido do Rosário — já tido como o inimigo nº 1 da polícia capixaba — desfrutou no morro de São Benetido, em Vitória. "Aqui fazemos o que podemos, tendo que atender, além de Porto de Santana, os bairros Porto Novo, Nova Canaã, Flexal I e II, Retiro Saudoso, Vila Oásis, Santana de Cima, Tucum, Tabajara, Vila Prudêncio e toda a área do hospital dos hansenianos, que inclui parte de Itanhenga. Para tanto, dispomos apenas dos homens e de um rádio-comunicador. O acesso à delegacia é péssimo, só sobem o morro carros pequenos. Os mais dispostos enfrentam 62 degraus", argumentou o delegado.

Apenas um posto de saúde, em precárias condições, atende à comunidade do bairro que tem aproximadamente 55 mil habitantes. Este serviço tem sido alvo de várias críticas por parte dos moradores, pois o médico só atende às 11 horas da manhã. Contudo, a grande reclamação é a ausência de um pediatra no posto, para fazer o atendimento das crianças, em geral, as mães são obrigadas a colocar os filhos nos braços e caminhar a pé até Vitória para conseguir atendimento, foi o que disse Faustina Barbosa da Silva.

"A nossa maior doença é a fome" disseram, os moradores e, em seguida, acrescentaram que por causa dela outros males estão surgindo. "De que adianta a gente ir ao médico, não temos o dinheiro para comprar o remédio", argumentou Maria Creuza. Uma outra reclamação apresentada pelos moradores está relacionada ao serviço odontológico. Segundo Sandra Linhares Falcão, é um desprezo o que estão fazendo com a comunidade. "Eles distribuem 15 fichas para o dentista diariamente e ele só aparece uma vez por semana e, assim mesmo, só atende a cinco pessoas. E para conseguirmos a ficha vamos para a fila as quatro horas da manhã", disse a moradora.

No momento, o bairro está sendo afetado por uma doença de cachorro conhecida como "peladeira", que provoca a queda de todo o pêlo do animal e é transmissível. Há três meses faleceu uma criança no local, então a comunidade, mobilizada pelo fato, procurou o serviço de saúde pública municipal para que tomasse as providências.

Apesar de ser um bairro com condições precárias, atende à comunidade do bairro que tem aproximadamente 55 mil habitantes. Este serviço tem sido alvo de várias críticas por parte dos moradores, pois o médico só atende às 11 horas da manhã. Contudo, a grande reclamação é a ausência de um pediatra no posto, para fazer o atendimento das crianças, em geral, as mães são obrigadas a colocar os filhos nos braços e caminhar a pé até Vitória para conseguir atendimento, foi o que disse Faustina Barbosa da Silva.

EDUCAÇÃO

Na área de educação a queixa é dirigida à insuficiência de vagas, embora o bairro disponha de uma escola da rede municipal, quatro da estadual e uma do Serviço Social da Indústria (Sesi). Os moradores, porém, alegam que a do Sesi quase nada representa em termos de absorção da demanda. Eles afirmam que a escola só atende a filhos de industriários devidamente empregados e, como o índice de desemprego é alto na região, poucos são os que nela estão ligados.

A escola estadual João Pedro da Silva, única a oferecer ensino de 2º grau, os moradores estimam que aproximadamente 1.000 pessoas deixarão de ter acesso este ano, por falta de vagas. Há também escassez nas de ensino de 1º grau — Presidente Castelo Branco, General Tibúrcio, Presidente Médici e Presidente Costa e Silva.

LAZER

Não existe o que fazer em Porto Santana, além de ir a igreja todas as noites. Lazer? Parte da população nem se lembra mais o significado da palavra. Os moradores, em sua maioria, estão mesmo é preocupados com outras reivindicações ligadas à infra-estrutura, saneamento básico ou reativação do aquaviário. Mesmo assim, Isabel dos Santos, moradora do morro do Meio, na rua Nova América, soltou seu grito: "Peço encarecidamente um divertimento para nós, os jovens. Aqui, nós não temos nada".